



ISOLINA AVELINO WALDVOGEL: VIDA E OBRA DE UMA TRADUTORA DE ELLEN G. WHITE

Lênie Erthal Lopatka¹
Francisco Carlos Ribeiro²

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar a vida e o trabalho da pioneira Isolina Avelino Waldvogel, com foco em sua atuação como tradutora das obras de Ellen G. White. O estudo realizado se caracteriza essencialmente por uma pesquisa bibliográfica. Os dados foram colhidos através de revistas, livros e de uma entrevista. A pesquisa demonstra a veemente participação de Isolina Waldvogel nos primórdios dos trabalhos de publicações da obra adventista no Brasil, principalmente com a tradução de 14 livros de Ellen G. White.

Palavras-chave: Casa Publicadora Brasileira; Ellen G. White; Luiz Waldvogel; tradução.

Editores científicos: Flávio Prestes Neto e Eduardo Rueda Neto

Organização: Comitê Científico

Double Blind Review pelo SEER/OJS

Recebido: 01/07/2025

Aprovado: 31/07/2025

Como citar: LOPATKA, L. E.; RIBEIRO, F. C. Isolina Avelino Waldvogel: vida e obra de uma tradutora de Ellen G. White. *Kerygma*, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 1, p. 01-15, e2016, 2025. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe2016>

¹ Graduada em Tradutor e Intérprete pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), atua na área de tecnologia e desenvolvimento de conteúdos educacionais digitais da língua inglesa. É Coordenadora de Desenvolvimento e Conteúdo na franqueadora Rockfeller Language Center, com experiência em inserção, revisão, atualização e correção de materiais didáticos em plataforma digital de aulas e aplicativo. E-mail: lenie_ertal@hotmail.com

² Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), editor da Revista Cordis (PUC-SP). Membro da Associação Brasileira de Historiadores Adventistas (Abrhad). E-mail: fcr.historiador@hotmail.com



ISOLINA AVELINO WALDVOGEL: LIFE AND WORK OF A TRANSLATOR OF ELLEN G. WHITE

Abstract

The purpose of this article is to present the life and work of pioneer Isolina Avelino Waldvogel, focusing on her work as a translator of the works of Ellen G. White. The study is essentially characterized by bibliographical research. The data were collected through magazines, books and an interview. The research demonstrates Isolina Waldvogel's strong participation in the early days of the Adventist publishing work in Brazil, mainly with the translation of 14 books by Ellen G. White.

Keywords: Brazil Publishing House; Ellen G. White; Luiz Waldvogel; translation.

ISOLINA AVELINO WALDVOGEL: VIDA Y OBRA DE UNA TRADUCTORA DE ELENA G. DE WHITE

Resumen

El objetivo de este artículo es presentar la vida y el trabajo de la pionera Isolina Avelino Waldvogel, con foco en su actuación como traductora de las obras de Elena G. de White. El estudio realizado se caracteriza esencialmente por una investigación bibliográfica. Los datos fueron recogidos a través de revistas, libros y una entrevista. La investigación demuestra la vehemente participación de Isolina Waldvogel en los inicios de los trabajos de publicaciones de la obra adventista en Brasil, principalmente con la traducción de 14 libros de Elena G. de White.

Palabras clave: Casa Publicadora Brasileira; Elena G. de White; Luiz Waldvogel; traducción.

INTRODUÇÃO

Ao se observar o panorama histórico da obra adventista do sétimo dia no Brasil, percebe-se o papel pioneiro do trabalho de Isolina Avelino Waldvogel, que bem reflete o pensamento abaixo de Ellen G. White: “Uma mulher verdadeiramente convertida exercerá poderosa influência transformadora para o bem. Associada ao marido, ela pode ajudá-lo em seu trabalho e tornar-se um meio de encorajamento e bênção para ele” (White, 2024, p. 157).

O propósito deste artigo é fazer um breve relato biográfico da vida de Isolina Waldvogel, com destaque para seu trabalho como tradutora dos livros de Ellen G. White. Uma biografia é considerada como uma fonte de conhecimento da história de uma sociedade nacional, bem como de uma comunidade religiosa. Por biografia, aqui, não se trata de um texto laudatório, mas sim historiográfico, no sentido de se



conhecer o personagem estudado dentro de suas singularidades humanas (Borges, 2006, p. 224).

Dentro do escopo deste artigo, narrar uma trajetória de vida exige um alto processo de seleção do que se parece significativo de ser apresentado. Para se fazer o texto narrativo, fez-se a opção por uma construção linear da vida de Isolina Waldvogel. Ao se estudar o trabalho de Isolina como tradutora, poetisa e autora de artigos, percebe-se que a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), desde seus primórdios, contou com a participação ativa das mulheres na divulgação de sua mensagem.

Neste tempo cada talento de cada obreiro deve ser considerado como sagrado depósito a ser usado na extensão da obra de reforma. O Senhor instruiu-me no sentido de que nossas irmãs que receberam preparo que as tornou aptas para posições de responsabilidade devem servir com fidelidade e discernimento em sua função, usando sabiamente sua influência, com seus irmãos na fé, alcançando assim uma experiência que as capacite para prestatividade ainda maior (White, 2024, p. 157-158).

ANOS INICIAIS

Nascida no dia 16 de maio de 1892, em Natal (RN), Isolina Alves Avelino, pioneira da IASD no Brasil, foi tradutora, poetisa, redatora e revisora da Casa Publicadora Brasileira (CPB). Criada em uma família de classe média, foi filha de Pedro Celestino da Costa Avelino e Maria das Neves Avelino.

Seu pai, um homem culto, atuou como jornalista no Nordeste, destacando-se por debater problemas relacionados à vida econômica, social e política de repercussão em todo o país. Desde cedo, Pedro Avelino revelou uma tendência natural para as lides da imprensa, com destaque para sua carreira literária, aventurando-se na vida pública na época em que o regime republicano seria inaugurado no Brasil. Em sua homenagem, uma cidade no estado do Rio Grande do Norte passou a se chamar Pedro Avelino. Também era conhecido como um jornalista completo, sendo admirado pela lógica com a qual analisava os fatos, apesar de não ter frequentado nenhum curso do ensino superior.

Isolina aprendeu a ler sozinha. Iniciou seus estudos em um colégio de freiras e os concluiu em uma escola evangélica. Quando a família se mudou para Recife, Isolina estudou línguas com professores particulares. Em 1915, conheceu a mensagem



adventista do sétimo dia, no Rio de Janeiro, através das conferências dos pastores Emanuel Ehlers e Frederico Kumpel (Lessa, 1980, p. 27-29).

Desde muito jovem, Isolina se destacou por sua intelectualidade. Falava francês e inglês fluentemente. Ao participar da “English Table” do Seminário Adventista, que tinha por objetivo estimular maior interesse pela língua inglesa, conheceu Luiz Waldvogel e dele se enamorou. Waldvogel, que até então não morria de amor por tal idioma, passou a prezar muito as conversas ali desenvolvidas.

Em 1922, Isolina formou-se na primeira turma do Seminário Adventista, atual Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp, campus São Paulo), juntamente com Adelina Zorub, Adolpho Bergold, Alma Meyer, Domingos Peixoto da Silva, Philonila Santos, Guilherme Denz, Rodolpho Belz e Luiz Waldvogel (Ribeiro, 2021, p. 54).

Em janeiro de 1923, Luiz Waldvogel foi até a casa do Pedro Avelino e sua esposa, a fim de pedir a mão de sua filha em casamento e, obviamente, cumprir as devidas formalidades da época. Não foi difícil a aceitação do pedido. O sogro já havia recebido boas referências a seu respeito (Waldvogel, 1986, p. 109-110). Nas palavras de Luiz Waldvogel (1986, p. 110): “Contou-me depois Isolina que, mostrando ao pai uma carta minha, lhe elogiara a linguagem escorreita. E ele era exigente cultor das boas letras.” Em 3 de abril de 1923, Luiz e Isolina se casaram. Após seu casamento, tiveram sua única filha, Heloísa Waldvogel (Lessa, 1980, p. 27-29).

De família humilde, Luiz Waldvogel (1897-1990) nasceu em Santa Cruz da Conceição, interior de São Paulo. Seu desejo de estudar no Seminário Adventista ocorreu devido à *Revista Mensal* (atual *Revista Adventista*), que recebia periodicamente, com as notícias animadoras em relação ao adventismo no Brasil. Em 1916, ingressou no Seminário Adventista, colportando durante as férias para pagar as mensalidades.

Isolina, agora Waldvogel, foi professora durante um ano em uma escola adventista (1923). Em seguida, foi convidada a trabalhar na CPB, onde atuou como tradutora, revisora e redatora de 1924 a 1929, quando decidiu dedicar tempo integral à sua filha Heloísa, em casa. Ainda assim, foi encarregada de continuar traduzindo livros.

A atuação de Isolina Waldvogel foi muito importante nos primórdios da obra adventista no Brasil. Em 42 anos de serviços prestados, colaborou com 15 artigos de



autoria própria, os quais foram publicados em periódicos denominacionais. Traduziu hinos para o *Hinário Adventista*, *Melodias de Vitória*, músicas para o quarteto A Voz da Profecia (atual Arautos do Rei) e, inclusive, o hino dos Desbravadores. Compôs e traduziu poemas, os quais podem ser encontrados em suas duas obras poéticas, *Oferenda* e *Oásis no Deserto*, bem como em diferentes periódicos denominacionais como *Revista Adventista*, *O Atalaia* e *Mocidade*.

VIAGEM PARA OS ESTADOS UNIDOS

Em 1936, após Luiz Waldvogel ter trabalhado por 18 anos na CPB, a administração da editora permitiu que ele fosse para a assembleia da Associação Geral da IASD e, em seguida, fizesse um curso intensivo de Teologia na Califórnia (EUA). Assim, viajou de navio acompanhado de Rodolfo Belz e Elmer Wilcox, então presidente da União Sul-Brasileira da IASD. Lá permaneceu cinco meses, aprimorando os conhecimentos teológicos para ocupar o cargo de redator-chefe na CPB. Durante o período em que se ausentou do trabalho, Rafael Butler assumiu sua função. Enquanto isso, Isolina se dedicou em tempo integral à redação na CPB, estando assim envolvida no trabalho mais do que jamais estivera.

Em 1952, Luiz Waldvogel viajou novamente para os EUA para presenciar a Conferência Bíblica em Washington. Desta vez, viajou de avião e levou consigo a esposa e a filha Heloísa, retornando de navio. Lá, frequentaram o congresso de Classe Bíblica e o Concílio Outonal. Enquanto isso, a filha do casal fez estágios e visitas de observação a sanatórios e hospitais para, assim, adquirir mais conhecimento técnico de sua profissão de enfermeira. Algum tempo depois, Heloísa começou a trabalhar no Washington Sanitarium; em seguida, no hospital Loma Linda, na Califórnia, onde permaneceu por oito meses, adquirindo mais conhecimentos e prática para continuar em seu cargo como vice-diretora na Casa de Saúde Liberdade (atual Hospital Adventista de São Paulo) (Waldvogel, 1986, p. 152-153).

A partida do navio no qual eles retornariam para o Brasil foi cancelada, de modo que eles puderam passar mais alguns dias nos Estados Unidos. Assim, puderam conhecer as cataratas do Niágara e, sem o haver planejado, foram convidados pelo Dr. Brewnnwald e sua esposa para visitar a editora adventista canadense em Quebec. Em seguida, embarcaram para Battle Creek, no Michigan, onde conheceram o túmulo da família de Ellen G. White. No dia seguinte, foram para o Emmanuel Missionary



College (atual Universidade Andrews), em Berrien Springs, Michigan, onde passaram alguns dias conhecendo o campus. Em seguida, partiram para Chicago e Nashville, onde visitaram a Southern Publishing Association da IASD e a Editora Metodista Cokesbury, que já foi a maior editora religiosa do mundo.

Em Chatanooga, Tennessee, conheceram o Southern Missionary College. Em seguida, foram a uma gruta chamada Ruby Caverns. No sábado, visitaram vários departamentos da Escola Sabatina. Em uma reunião daquela igreja, o casal Waldvogel foi convidado a falar em espanhol. Naquela ocasião, Isolina recitou dois poemas. Ambos se encontram em suas obras *Oferenda* (Waldvogel, [S. d.], p. 49-50) e *Oásis no Deserto* (Waldvogel, 1990, p. 25-26). Um deles era de sua própria autoria:

A Pérola

Dizem que a pérola nacarada e preciosa,
que, tímida e graciosa,
enfeita um colo de mulher,
encerra a história triste, magoada,
de acerba dor sofrida e recalcada
no seio de uma concha rosicler.
Dizem que nessa concha
um dia penetrara, ocultamente,
um grão de areia hostil.
E, desde então, a pobre da ostra sente
agUILHOÁ-la, espicaçá-la
uma dor fina, pertinaz, util.
Torce-se, contorce-se,
E, ao depois, resoluta, luta
ansiosa, em frenesi, p'ra expulsar o invasor.
Mas punge ainda! E quanto mais se bate,
mais se enfraquece e abate,
e mais avulta e cresce aquela dor.
Exausta, enfim, desiludida,
a ostra malferida
cessa de todo de se debater.
É quando a Natureza — maga milagrosa —
líquida cor-de-rosa da chaga faz verter.
E o grão de areia aos poucos transformou-se
na doce, delicada gema rosicler
que todo o mundo estima e quer.
Cristão, se na alma penetrou-te um dia
— à tua revelia — um grão de areia, fonte de aflição,
não te exasperes; ostra sossegada,
dessa dor em silêncio suportada
verás surgir a joia — Mansidão!

Em seguida, retornaram para Washington. No sábado seguinte, encontraram-se com o casal Fisher. O marido fora amigo de trabalho Luiz Waldvogel na CPB, mas



agora atuava na Califórnia. Ainda assim, foram até lá para se encontrar com eles. Enquanto permaneciam ainda na capital dos Estados Unidos, visitaram diversos pontos turísticos como o Lincoln Memorial, o Jefferson Memorial, o Túmulo do Soldado Desconhecido, a galeria de artes, o planetário e a Biblioteca do Congresso, que é considerada a maior do mundo.

O casal Waldvogel também teve a oportunidade de conhecer os registros dos escritos de Ellen G. White. Viram muitas obras de autoria de White em vários idiomas, algumas em português, sendo que diversas delas foram traduzidas pelo próprio casal Waldvogel.

Por fim, após passarem mais alguns dias em Washington, realizando visitas, despedidas e algumas compras encomendadas por amigos, partiram para Nova York, onde embarcaram no navio com destino a Santos (SP). A filha do casal, Heloísa, permaneceu em Washington por mais alguns meses trabalhando no hospital e, em seguida, por mais um tempo no hospital de Loma Linda.

TRABALHO COMO TRADUTORA

Rubens Lessa (1937-2019), que foi editor-chefe da CPB por 36 anos (1978-2014), teve a oportunidade e o privilégio de conhecer o casal Waldvogel. Em uma entrevista realizada com ele, em agosto de 2013, importantes dados foram coletados sobre o trabalho de Isolina. De acordo com Lessa,

O estilo linguístico varia de pessoa para pessoa e cada escritor reflete um momento literário, dando ênfase a determinada época. Desta forma, o tipo de linguagem e estilo tradutório de Isolina A. Waldvogel se inserem nos postulados do romantismo, que priorizavam a forma e a subjetividade. Fazia-se uso de mais adjetivos, ordem inversa dos termos da oração e mesmo a prosa incorporava matizes poéticos.

Assim sendo, o estilo de Isolina era subjetivo, e um exemplo clássico disso é a obra por ela traduzida, *O Desejado de Todas as Nações*, de Ellen G. White. Os parágrafos são longos e o uso da ordem indireta é muito comum. Em relação às obras de White, pode-se dizer que é necessário atualizar sua linguagem exatamente devido ao predomínio dessa ordem inversa. Para a nova geração de leitores, a ordem inversa se torna um fator complicador para a compreensão textual.

Mesmo para aquela época, Isolina Waldvogel fazia uso de palavras difíceis. Porém, naquele tempo, escritores e autores não eram criticados por usarem palavras



rebuscadas. Pode-se afirmar também que esse uso linguístico estava “na moda”. Até os membros da igreja gostavam dessa forma culta e mais difícil de linguagem textual. É claro, porém, que as pessoas mais simples encontravam certa dificuldade em relação a termos empolados.

A linguagem daquele período priorizava muito a forma e a adjetivação pomposa, mas não em detrimento do conteúdo. Lessa (2013) acrescenta que

com o advento do jornalismo como profissão, na instalação do primeiro curso superior no Brasil, em agosto de 1969,³ criou-se uma cultura da objetividade. A linguagem jornalista tenta, de fato, descomplicar as coisas, usando menos adjetivos, buscando mais objetividade no relato dos fatos e sem ficar “enfeitando” muito as declarações, favorecendo, em vez disso, uma ordem mais direta. Além disso, o jornalismo em forma de reportagem não é literatura, e busca retratar os fatos imparcialmente.

Desta forma, se pegarmos as traduções de Isolina Waldvogel à luz desse conceito do jornalismo, qualquer comunicador diria que tais traduções precisavam ser “descomplicadas”, porque, naquele tempo, se “enfeitava” muito a linguagem. No caso das traduções das obras de Ellen G. White, Isolina Waldvogel não acrescentou novas ideias, nem empobreceu a linguagem ou os pensamentos da autora. Ela traduziu o quanto possível, dentro de sua capacidade, transmitindo assim as ideias expressas em inglês para a língua portuguesa.

O bom tradutor é aquele que conhece bem a língua da qual traduz e conhece melhor ainda a língua para a qual traduz. Isolina Waldvogel tinha esse conhecimento necessário. No entanto, é correto afirmar que as traduções dela, com o tempo, envelheceram. Devido ao excesso de uso da forma indireta e de termos difíceis, sua linguagem se tornou obsoleta para a atual geração.

A CPB possuía um manual com termos recorrentes ao longo de um livro e que podiam oferecer uma dificuldade maior em relação à tradução. Sobretudo se o termo tinha origem de uma área técnica específica, o tradutor podia encontrar um termo equivalente e que correspondia ao original. Além disso, no caso de o mesmo termo aparecer novamente mais adiante, o recurso a esse manual garantia certa padronização. Isso requeria que o tradutor tivesse atenção nesses casos.

³ A primeira escola de jornalismo criada no Brasil foi a Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, fundada em 16 de maio de 1947, em São Paulo.



Além de seu papel como tradutora, Isolina Waldvogel ajudou na edição de livros junto com o esposo, que foi redator-chefe da CPB por 36 anos. Realizou seu trabalho de tradução poética com muito empenho e criatividade, pois se apreciava muito esse tipo de trabalho naquela época. Os benefícios que lhe eram oferecidos pela CPB eram os mesmos que os do marido. Lessa ainda assegura que ela não ganhava pelo número de linhas traduzidas. Seu salário era fixo e independentemente da quantidade de palavras que traduzisse. Muitas vezes um evangelista, pastor, diretor ou outras pessoas separadamente lhe pediam para traduzir hinos e ela o fazia alegremente. Percebe-se em suas traduções de hinos a marca de seu estilo: ordem indireta.

Obviamente naquele tempo os recursos avançados de pesquisas tecnológicas para a tradução não eram como hoje. A ferramenta principal de seu trabalho eram bons dicionários, como, por exemplo, o dicionário Webster. Isolina Waldvogel trabalhou no tempo que precedeu a linotipo, ou seja, o sistema tipográfico. Era preciso montar o texto letra por letra. Ela datilografava, e o tipógrafo compunha o texto no sistema mencionado. Lessa afirma que Luiz Waldvogel mencionou que, quando se encontrava uma certa dificuldade na tradução, parava-se de datilografar até que o tradutor tivesse certeza de como traduzir o trecho. Exigia-se muita reflexão durante o trabalho.

Em relação às abordagens teóricas de tradução, Lessa acredita que Isolina Waldvogel não tenha feito uso de nenhuma abordagem teórica. Ou seja, ela não se baseou nem tampouco se fundamentou em nenhuma teoria explícita de tradução. Ela simplesmente traduzia de maneira intuitiva. Algumas abordagens dependiam de aspectos relacionados à linguística e conceitos pedagógicos. De acordo com Lessa, a abordagem funcionalista pode até coincidir com alguma coisa em relação às suas traduções e um pouco da abordagem descritiva e interpretativa.

Lessa, em sua entrevista, acrescenta também estar certo de que Isolina Waldvogel acreditava que Deus havia usado Ellen G. White como profetisa. Por isso, a tradutora não podia interpretar suas ideias de acordo com seus próprios pensamentos. Sendo assim, ela deveria ser fiel àquelas ideias, captando o que considerava ser o real sentido. Em seguida, procurava encontrar as palavras adequadas para expressar exatamente sua compreensão do original. Orava muito antes de realizar seu trabalho e não confiava apenas na compreensão que possuía do



idioma, mas desejava que Deus lhe desse a maneira certa de expressar exatamente o que era o pensamento de Deus passado a Ellen G. White. Desta forma, Lessa assegura que Isolina Waldvogel não se baseou em uma determinada abordagem teórica de tradução, mas pode ter “ferido” uma ou outra intuitivamente.

Antes da entrevista realizada com Rubens Lessa, foi possível conhecer o empreiteiro de pinturas da CPB, Geraldo Euclides de Amorim, que também teve a oportunidade de conhecer o casal Waldvogel, na época em que a CPB era localizada em Santo André (SP). Ele relata que o casal já era de idade, sendo que eram pessoas extremamente educadas. Dedicavam seu tempo totalmente à obra, eram respeitosos e inspiradores na igreja e na CPB. Eram também amados por todos. Geraldo ainda ressalta que, após ter lido algumas das poesias do casal, ele pôde ver o real perfil do caráter de Isolina – em sua opinião, um caráter perfeito, bonito e inspirador. O casal tinha muito carinho pela obra, e seu jeito de ser e sua paixão pelo seu trabalho revelavam que ambos eram exímios profissionais.

Tabela 1: Livros de Ellen G. White traduzidos por Isolina A. Waldvogel

Tradução	Ano	Título Original	Ano
<i>Caminho a Cristo</i>	s/d	<i>Steps to Christ</i>	1892
<i>Obreiros Evangélicos</i>	1935	<i>Gospel Workers</i>	1915
<i>Mensagens aos Jovens</i> ⁴	1942	<i>Messages to Young People</i>	1930
<i>O Desejado de Todas as Nações</i>	1943	<i>The Desire of Ages</i>	1898
<i>Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes</i>	1947	<i>Counsels to Parents, Teachers and Students</i>	1913
<i>O Maior Discurso de Cristo</i>	1953	<i>Thoughts from the Mount of Blessing</i>	1896
<i>Testemunho Seletos, vol. 1</i>	1954	<i>Testimony Treasures, vol. 1</i>	1949
<i>Testemunhos Seletos, vol. 2</i>	1954	<i>Testimony Treasures, vol. 2</i>	1949
<i>Testemunhos Seletos, vol. 3</i> ⁵	1955	<i>Testimony Treasures, vol. 3</i>	1949
<i>Filhos e Filhas de Deus</i>	1956	<i>Sons and Daughters of God</i>	1955
<i>A Fé Pela Qual Eu Vivo</i> ⁶	1959	<i>The Faith I Live By</i>	1958
<i>Evangelismo</i> ⁷	1959	<i>Evangelism</i>	1946
<i>Nossa Alta Vocaçao</i>	1962	<i>Our High Calling</i>	1961
<i>Para Conhecê-Lo</i> ⁸	1965	<i>That I May Know Him</i>	1964

⁴ Em colaboração com Luiz Waldvogel.

⁵ Em colaboração com Raphael de Azambuja Butler.

⁶ Em colaboração com Arnaldo B. Christianini.

⁷ Em colaboração com Octávio Espírito Santo e Raphael de Azambuja Butler.

⁸ Em colaboração com Luiz Waldvogel.



<i>Conselhos sobre o Regime alimentar</i> ⁹	1965	<i>Counsels on Diet and Foods</i>	1938
<i>Temperança</i>	1969	<i>Temperance</i>	1949

Fonte: Organização dos autores.

Isolina Waldvogel também traduziu os seguintes livros relacionados a obra de Ellen G. White: *Crede em Seus Profetas* (Denton E. Rebok), *O Testemunho de Jesus* (Francis M. Wilcox) e *Ellen G. White: Mensageira da Igreja Remanescente* (Arthur L. White), este último em colaboração com Arnaldo B. Christianini.

Além dos livros de White, Isolina se dedicou à tradução de outros livros de diferentes autores como *História de Nossa Igreja*, *Todo aminho com Deus*, *O aminho Maravilhoso*, *A Marcha da Civilização*, *A Vitória de Maria*, *Heróis de Todas as Épocas*, *Os Irmãos do Rei*, *Influência Transformadora de Uma Jovem*, *Ensinar, Programa Primário*, vol. 2, *Testemunhas de Jesus*, *Contos Vespertinos*, vols. 1 e 2, *Conselhos às Mães*, *A Voz da Profecia*, além de várias meditações matinais (Lessa, 1980, p. 28).

ANOS FINAIS

Em junho de 1970, devido à poluição, bem como às ruas movimentadas e estrondosas que cercavam Santo André, o casal Waldvogel decidiu se mudar para Hortolândia (SP), onde haviam comprado dois lotes próximo ao Instituto Adventista de São Paulo (Iasp), hoje Unasp, campus Hortolândia.

Devido à sua influência positiva sobre a comunidade de Hortolândia, Ivan Carrara, vereador naquela época, requisitou que uma rua da cidade recebesse o nome de “Isolina Waldvogel”, o que foi aprovado.

Em determinada reunião de despedida na igreja de Santo André, a representante da Sociedade J.A. (Jovens Adventistas), Ester Apolinário, homenageou o casal Waldvogel com um belo texto escrito e recitado. Dentre os diversos fatos que foram apontados sobre o casal, ela destacou o seguinte em relação a Isolina Waldvogel (Waldvogel, 1986, p. 226):

A nossa Sociedade de Dorcas, irmã Isolina, por longos e penosos anos, momento após momento, contou com sua direção e orientação, suas habilidades manuais e conselhos espirituais. Muito obrigada, sem fim, pelo que fez. A valiosa cooperação nos programas da Sociedade J.A.,

⁹ Em colaboração com Luiz Waldvogel.



nos quais ouvíamos suas lindas poesias, que sem dúvida foram escritas sob a mais pura inspiração divina.

Em 1971, o sonho dos membros da IASD de Santo André de terem um posto de Assistência Social das Dorcas, atual Ação Solidária Adventista, foi finalmente concretizado. Devido à demanda de famílias carentes do interior que vinham para Santo André em busca de melhores condições de vida, decidiu-se criar esse posto, sob a direção de Isolina Waldvogel, que atuou como diretora por mais de 30 anos. Em relação à atuação de Isolina por essa causa, Sueli Bergold destacou (1971, p. 25):

Sra. Isolina Waldvogel, que ano após ano, com toda a dedicação, visitou o comércio de loja em loja, solicitando colaborações em donativos para a nossa sociedade. A signatária, com sua velha companheira de Recolta, sempre teve o grande prazer de estar ao lado dessa figura empolgante que com tanta sobriedade e perfeição sabia atrair a atenção das pessoas, para o nosso magnífico trabalho de Assistência Social. [...] Que o exemplo da vida edificante dessa serva de Jesus seja mais extensivo e que a influência benéfica dessa vida recaia cada vez mais sobre todas as nossas Sociedades de Dorcas!

Em 1977, Isolina Waldvogel acompanhou o esposo à inauguração do Centro Educacional Adventista de Santo André, que foi designado com o nome de Luiz Waldvogel, mais conhecido como “Tio Luiz”, devido ao seu exemplo de amor em relação à educação cristã. Ao ser homenageado, ele afirmou: “Não fiz nada para merecer tanta honra” (Lessa, 1977, p. 23).

No dia 3 de abril de 1973, o casal completou 50 anos de casados. No entanto, foi só em 15 de abril que se comemorou, em uma cerimônia de bodas de ouro, dirigida pelo pastor Jerônimo Granero Garcia. Em 1979, devido à idade avançada, Isolina Waldvogel passou a apresentar certa ausência de lucidez, que tanto lhe era presente e constante. Desde então, a saúde física e mental dela regrediu, sendo que, quando estava confusa, repetia as mesmas perguntas demasiadamente.

A condição de saúde de Isolina Waldvogel só veio a piorar, até que, no dia 19 de fevereiro de 1980, ela foi levada às pressas para o hospital onde trabalhava o amigo e médico, Dr. Edgard de Barros, pois sentia dores no pescoço e mal articulava uma palavra. Ela se tornava cada vez menos lúcida até chegar ao ponto de não reconhecer mais ninguém.

Luiz Waldvogel sempre relatava o estado de saúde da esposa em suas correspondências. Em uma dessas cartas enviadas para o pastor L. A. Ramirez,



localizada no acervo do Centro Nacional da Memória Adventista, ele afirma (Ramirez, 1980, p. 1):

Minha esposa continua inconsciente, com raros instantes de lucidez, em casa de minha filha, que é enfermeira e tem o auxílio de uma colega. Como minha presença lá de nada vale, vou lá nos fins de semana e nos outros dias trabalho aqui em casa, subúrbio de Campinas, próximo do Instituto Adventista S. Paulo. O trabalho ajuda-me a vencer a tristeza que é grande, mas as promessas divinas e as orações dos irmãos têm sido um inestimável conforto para mim. Muito obrigado por seu interesse no caso.

Por ocasião do falecimento de Isolina Waldvogel, em 6 de julho de 1980, Harold E. Metcalf, secretário ministerial da União Sul dos Adventistas do Sétimo Dia (EUA) assim consolou o viúvo:

I am very sorry to hear of your wife's passing. I know this leaves you lonesome, but won't it be wonderful to be reunited with your dear one in the kingdom of heaven? God always knows what is best and we are praying that the Lord will stand by you in this hour of bereavement. You are making a real contribution in the translation of the Daniel and Revelation Commentary. Thank you again for your efforts.

Lamento profundamente saber do falecimento de sua esposa. Sei que isso lhe deixa solitário, mas não será maravilhoso reencontrar sua querida no reino do Céu? Deus sempre sabe o que é melhor e estamos orando para que o Senhor o conforte nesta hora de luto. Você está fazendo uma verdadeira contribuição ao traduzir o Comentário de Daniel e Apocalipse. Obrigado mais uma vez por seu esforço (Metcalf, 1980, p. 1).

Isolina Avelino Waldvogel faleceu aos 88 anos. Em relação às qualidades literárias e cristãs de Isolina Waldvogel, o pastor Ronaldi Neves Batista afirma (Batista, 1980, p. 32):

Ela deixou muito mais do que livros traduzidos, ou lindos versos cheios de encanto, beleza, simplicidade e profundidade; deixou atrás de si rastros luminosos que jamais serão apagados e que servirão para nortear as gerações mais novas. Eu a conheci! Sou testemunha de que a irmã Isolina possuía uma alma nobre. Ao lado do seu esposo, pastor Luiz Waldvogel, formava um dos casais mais felizes e simpáticos do meio adventista. Os dois eram uma inspiração. Esta é uma verdade irrefutável.

Dez anos depois, em 11 de agosto de 1990, Luiz Waldvogel faleceu com 93 anos (Lessa, 1990, p. 3), e em 2005, a única filha do casal, Heloísa Annie Waldvogel



Bökenkamp, faleceu aos 80 anos de idade. Em janeiro de 1984, Ivan Carrara, vereador do município de Sumaré (SP) também não deixou de prestar homenagens a Isolina Waldvogel. Em um relatório agora pertencente ao acervo do Centro Nacional da Memória Adventista, ele declara (Carrara, 1984, p. 1):

Existem pessoas cujas vidas, dedicadas à prática do bem, deixam por onde passam um rastro de luz que transcende o curto espaço de tempo de uma existência. Pessoas que merecem ser lembradas como exemplo de virtude, dedicação, idealismo, trabalho. Pessoas a quem uma homenagem póstuma vem a ser um ato de justiça. Nessa plêiade seleta, se enquadra, sem nenhum favor, o nome saudoso da Professora ISOLINA AVELINO WALDVOGEL, cujo valor humano, dignidade e desprendimento cristão, constatado por uma imensurável folha de serviços, palidamente retratada no perfil abaixo, bem merece ter sua memória perpetuada, emprestando o seu nome a uma das ruas deste município, que um dia escolheu para ser aquele “porto seguro”, que acalentava em sonho para passar os últimos anos de sua vida, que foi sempre tão intensa em favor da comunidade. [...] Esposa devotada, participou diretamente das múltiplas realizações que consagrou o casal a nível nacional, o que valeu ao esposo, pastor Luiz, entre outras homenagens, a denominação de duas destacadas escolas [em Santo André e Sumaré, SP]. Desenvolvendo um trabalho em conjunto, o casal chegou a representar um “símbolo” do Lar Feliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição de Isolina Avelino Waldvogel para a literatura adventista é notável, sobretudo através de obras fundamentais de Ellen G. White e outros autores. Em uma época com poucos recursos tecnológicos, além de dominar a língua inglesa, sua percepção teológica, lealdade e cuidados com o texto refletiam em suas traduções.

Seu legado tradutório contribuiu para tornar a produção literária espiritual acessível ao público de língua portuguesa, influenciando gerações de leitores, estudantes e líderes religiosos. Seu cuidado com a linguagem ajudou a estabelecer o estilo literário da IASD no Brasil durante o século 20, tornando-se uma referência por muitos anos.

Mesmo que a linguagem de suas traduções hoje reflita os padrões de sua época, a relevância de seu trabalho permanece. Ela não apenas verteu textos de uma língua para outra, mas traduziu ideias, valores e ensinamentos que moldaram o pensamento e a prática de milhares de pessoas.



Preservar e estudar sua obra é reconhecer a importância de quem se dedicou com seriedade e competência à missão de transmitir, por meio das palavras, uma mensagem de fé, esperança e orientação espiritual.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, R. N. Irmã Isolina, até logo! **Revista Adventista**, v. 75, n. 9, p. 32, 1980. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em: 2 maio 2025.
- BERGOLD, S. Concretização de um grande sonho. **Revista Adventista**, v. 66, n. 4, p. 25, 1971. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em: 1 jun. 2025.
- BORGES, V. P. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, C. B. (ed.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 203-234.
- CARRARA, I. **Professora Isolina Avelino Waldvogel**. Sumaré, SP: Centro Nacional da Memória Adventista, 1984.
- LESSA, R. S. Homenagem a Luiz Waldvogel. **Revista Adventista**, v. 72, n. 11, p. 23, 1977. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- LESSA, Rubens S. O pioneiro descansa. **Revista Adventista**, n. 86, p. 3, set. 1990. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra> Acesso em: 10 maio 2025.
- LESSA, R. S. Morre Isolina Waldvogel, exímia poetisa. **Revista Adventista**, v. 75, n. 8, p. 27-29, 1980. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em: 1 jun. 2025.
- LESSA, R. S. [Entrevista]. [Entrevista cedida a] Lênio Erthal Lopatka. [S. l.], 2013.
- METCALF, H. E. [Corespondência]. Destinatário: Luiz Waldvogel, p. 1, jul. 1980.
- RAMIREZ, L. A. [Corespondência]. Destinatário: Luiz Waldvogel. Campinas, abr. 1980.
- RIBEIRO, F. C. Unasp através dos tempos. In: MENSLIN, D.; BERTAZZO, E. K.; RIBEIRO F. C.; ABRAÇOS, G. B. (org.). **Unasp no tempo: histórias, tradições e transformações**. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2021.
- WALDVOGEL, I. A. **Oásis no deserto**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990.
- WALDVOGEL, I. A. **Oferenda**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, [S. d.].
- WALDVOGEL, L. **Memórias de tio Luiz**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1986.
- WHITE, E. G. **Beneficência social**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2024.